



José Alves Sobrinho sob o Olhar da Câmera: o processo de construção de um vídeo documentário sobre um mestre de Cultura Popular¹

Diana Reis de Oliveira²

Marcos Nicolau³

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Resumo

O presente trabalho se propõe a relatar a construção de um vídeo documentário sobre o mestre de cultura popular, José Alves Sobrinho. O vídeo documentário “**A Voz do Poeta**” registra a existência de um poeta popular paraibano, que no auge da sua carreira de cantador, perde a voz; mas não deixa morrer a poesia dentro dele. O vídeo mostra a vivacidade deste homem, através de depoimentos do próprio poeta e de outras pessoas, como o do escritor e compositor, Bráulio Tavares e do cantador Oliveira de Panelas. A narrativa do documentário foi construída através de uma linguagem fragmentada, e dividida em três universos: o poeta escritor, o poeta pesquisador e o poeta cantador.

Palavras-chave

Vídeo; Documentário; Cultura; Popular

Introdução

José Clementino de Souto, filho de Clementino Julino de Souto e Maria Clementina de Souto, nasceu em junho de 1921, em Pedra Lavrada/PB. Ainda muito novo, José Clementino ficou órfão de mãe, e por isso foi criado pelos seus avós: Alexandre Julino de Souto e Dionísia Leocádia da Anunciação. Aos seis anos de idade, começou a frequentar a escola, “escola do mato”, já que na região onde ele morava não existia uma estrutura de ensino, então a cada ano, um dos proprietários de terras da região, juntava as crianças que moravam próximo a sua propriedade e contratava um professor para que lhes ensinasse as lições. Em uma dessas aulas, o professor de Clementino, João Quinto Sobrinho ensinou aos alunos como fazer um quadra na poesia

¹ Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

² Aluna do curso de Comunicação Social, habilitação Rádio e Tv

³ Professor doutor de curso de Comunicação Social.



popular. Pediu que os alunos trouxessem de casa um verso em quadra, dando-lhes um tema, José Clementino ficou com a tarefa de versar sobre o tema: mãe, e assim ele fez:

Como eu não tenho mãe
Como todo mundo tem
Minha mãe é mãe Dionísia
Que me beija e me quer bem.

O verso foi muito elogiado pelo professor que garantiu, “esse menino é um poeta, ele vai longe”

Aos 11 anos de idade, José Clementino foi assistir pela primeira vez uma cantoria, e segundo ele mesmo fala, “foi a coisa mais bonita que eu vi em minha vida”.

Depois desse dia de cantoria, Clementino não esqueceu a melodia que ouviu, o que o levou a construir uma violinha a partir de uma caixa de charuto para ficar tocando na “toada” que aprendeu. Tempos depois, ganhou de um vizinho uma viola de verdade, e aos 13 anos ele já estava fazendo cantorias pela região. Mas como seu pai não aprovava ter um cantador na família, e já havia quebrado uma viola em sua cabeça para tentar impedi-lo de seguir adiante com esse desejo de ser cantador, José Clementino de Souto precisou mudar seu nome para seguir a carreira de cantador. Assim, seu tio, José Alves, ao seu favor, aconselhou que ele passasse a assinar como José Alves Sobrinho. Aos 15 anos, já com este nome artístico, fugiu de casa para viver de cantoria.

José Alves foi um dos maiores cantadores de sua época. Levou a poesia popular para o Rádio, cantou na Rádio Clube de Pernambuco, na Rádio Tabajara; cantou para Assis Chateaubriand, José Lins do Rego; cantou com 91 cantadores, mas aos 38 perdeu a voz. José Alves hoje vive da saudade. Abaixo trecho do poema dele “Quando eu deixei de cantar”, publicado no livro Matulão de um Andarilho, pág. 25.

Eu também fui cantador
Repentista e violeiro,
Todo o norte brasileiro
Inda lembra, sim senhor,
O meu nome, o meu valor,
A minha voz estridente,
Porém, repentinamente,
A mão do destino atroz
Arrebatou minha voz.
Deixei de cantar repente

Eu era um irapuru
Na voz e na melodia
Mas sem esperar, um dia
Fiquei qual urubu:



Sem voz, sem som, nu e cru,
Fui forçado a abandonar
A profissão popular
De cantar para viver!
Como é triste não poder
Cantar, sabendo cantar.

Dos tempos de cantador recorda “das boas amizades, das namoradas que teve, das festas que participava”. Mas, mesmo sentindo a dor de não poder cantar, não deixou morrer a poesia que existe dentro dele.

Em 1977, entrou para Universidade Federal da Paraíba como pesquisador a convite do professor Átila Almeida. Juntos publicaram: o dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada (1980) e Marcos e Vantagens (1982) Publicou 26 folhetos de cordéis, escreveu 7 livros, quatro publicados e três inéditos. Em 1975 publicou seu primeiro livro Sabedoria de Caboco, depois vieram: Glossário da Poesia Popular (1982), Matulão de um Andarilho (1994) e Cantadores, Repentistas e Poetas Populares (2003).

José Alves ganhou o Prêmio Leandro Gomes de Barros pela Secretaria de Educação e Cultura do Município do Recife (1970), foi Sócio Fundador da Associação de Poetas e Folcloristas do Brasil (1972), Cidadão da Poesia pela Ordem Brasileira de Literatura de Cordel (1978), Membro Fundador da Comissão Paraibana de Folclore (1994), Correspondente do Acervo Raymond Cantel - França (1998). Em 2004, Zé Alves recebeu a Medalha Honra ao Mérito Cel Elísio Sobreira e em 2006 assumiu a cadeira de número 1 da Academia Paraibana de Literatura de Cordel (2006).

Aos 85 anos, continua produzindo poesia, pesquisando e escrevendo sobre Cultura Popular. Entre anotações e lembranças, livros e fotografias, José Alves possui um dos maiores arquivos de Cultura Popular do Brasil, como ratifica o depoimento de Bráulio Tavares: “o arquivo de um cantador como José Alves é tão valioso quanto os tesouros do rei Salomão”.

Vídeo-documentário

A escolha por um vídeo-documentário deu-se em razão da multiplicidade de recursos por ele contemplados. Ao mesmo tempo em que trabalha com som e imagem, o vídeo-documentário proporciona ainda a liberdade para que os fatos em si contem a história. A importância do tema e a necessidade de dar liberdade a José Alves para falar o quanto considerasse necessário para responder determinada pergunta, explica a

escolha do veículo, que além oferecer baixo custo, pode proporcionar experimentação estética.

A idéia de reproduzir o movimento, anterior ao séc. XIX, remete ao pensamento de que gravuras de javalis de Altamira com oito patas são uma tentativa ancestral dessa busca, muito tempo antes da descoberta da fotografia

A história do cinema começa no dia 28 de dezembro de 1895, em Paris, no Grand Café do Boulevard des Capucines. Ali, os irmãos Auguste e Louis Lumière, que haviam patenteado sua invenção chamando-a de Cinématographe, através da qual, exibiam filmes bem curtos e simples como “A Chegada de um Trem à Estação de Ciotat”.

Existia o desejo de fazer do cinema a reprodução imagética do real, o que inquietou a mente dos cientistas. Até que surgiu o cinema sonoro, e junto com ele foi dada uma importância maior aos elementos narrativos da linguagem do cinema.

Segundo Valentineti, “o advento do cinema sonoro desmonta (...) todo aquele frágil castelo do cinema, que ainda não assentado é objeto de profunda revolução: o som. E mais: o som ou a palavra”. (TEIXEIRA, 2000, p. 298)

Segundo Ramos (apud TEIXEIRA, 2000, p. 81), o primeiro pensamento sistemático e autoconsciente sobre cinema não-ficcional apareceu nos escritos de Dziga Vertov com uma postura crítica ao cinema de ficção.

Em 1930, John Grierson inaugurou a tradição não ficcional, que dominou a primeira metade do século. Em 1960 surgiu o Cinema Verdade, com a intenção de “jogar limpo”, revelando o caminho percorrido na composição dos procedimentos enunciativos do discurso cinematográfico e não mais usando a encenação não revelada.

Ainda segundo Ramos, o aparecimento do som direto, a partir da evolução tecnológica, deu ao Cinema Verdade a conquista do aspecto real do mundo. Com som sincrônico do movimento. Surgiu daí a entrevista e o depoimento como elementos estilísticos.

Guinadas ideológicas mostraram posteriormente que a produção documentária se baseia numa ética marcada pela noção de reflexividade.

Hoje, a utilização do registro de imagens para documentar fatos atingiu a esfera eletrônica, a televisão através do vídeo. E, assim como o cinema, o vídeo também se divide entre documentário e ficção, o realismo e o sonho.

O vídeo-documentário, segundo a proposta de FELDMAN (apud PERAZZO, 1997), se divide em:



- Documentários “diretos” ou espontâneos: os fatos a serem registrados são conhecidos de forma aproximada. Os personagens não são preparados e não se repetem ações ou diálogos. Neste caso, o roteiro é substituído pelo pleno de gravação.

- Documentários “diretos” com possibilidade de direção: representado principalmente pelos vídeos etnográficos, onde as ações podem ser ensaiadas e repetidas. O roteiro pode ser elaborado de maneira precisa.

- Documentário precedido de análise: é feita uma pesquisa aprofundada do tema, entrevista com especialistas, visita aos locais de gravação, roteiro preciso e planejamento das ações.

- Documentário de montagem: este tipo de documentário é feito a partir de pedaços de filmes e imagens de arquivo. O roteiro definitivo é elaborado no momento da edição, onde será construída a unidade do vídeo.

- Documentário com elementos de reportagem: aborda temas amplos, mas pode correr o risco da superficialidade.

- Documentário a partir da trilha sonora: as imagens são gravadas em função do som.

Diante da intenção de registrar a existência do poeta, cantador, escritor e pesquisador, José Alves Sobrinho, através de depoimentos, o vídeo “A voz do poeta”, foi escolhida forma de um “documentário direto”. Os fatos foram registrados sem a existência de um roteiro definido. O que já estava pré-estabelecido era o foco que seria dado àquela história.

Desenvolvimento

Para realização deste vídeo-documentário, foi necessário um estudo preliminar sobre o vídeo e o documentário cinematográfico, suas formas de produção e implicações técnicas envolvidas, além da pesquisa bibliográfica e documental relacionada ao tema: José Alves Sobrinho, o poeta, o cantador, o pesquisador e o escritor. Relato agora como concebi cada uma das etapas:

Pré-produção

Na primeira fase da pré-produção realizei a pesquisa a respeito do veículo, como também procurei conversar com pessoas que conheciam, ou já tinham ouvido falar, de José Alves Sobrinho.

O acesso a essas pessoas que conheciam a história do cantador que perdeu a voz, foi importante na construção da idéia do vídeo-documentário. No entanto, a fonte mais interessante, e motivadora foi, sem sombra de dúvidas, a vivência que tive junto ao poeta.

Meu primeiro contato com a história de “Zé Alves”, foi através de uma matéria publicada no Jornal Correio da Paraíba, pela jornalista Katiúscia Formiga, em Julho/2006. Entrei em contato com ela e falei do meu interesse em realizar uma pesquisa com “Zé Alves”. Ela ligou para o poeta e pediu-lhe autorização para passar os contatos dele para mim. A autorização foi dada e a partir de Agosto/2006 comecei a frequentar a casa de José Alves Sobrinho.

No primeiro dia em que cheguei a casa do poeta, 28 de agosto de 2006, ele estava se arrumando para tomar posse na Academia Paraibana de Literatura de Cordel (APLC). Ele me convidou para junto com ele, sua esposa e seu filho, assistir a cerimônia. Eu fui. O discurso, ele proferiu em versos. Foi uma homenagem ao poeta Leandro Gomes de Barros, já que Zé Alves, naquele momento, estava assumindo a cadeira de número 1 da APLC, do poeta Leandro Gomes de Barros.

No outro dia, conforme havíamos combinado, retornei a casa de “Zé Alves” e conversamos a respeito de nós mesmos e da pesquisa que eu pretendia realizar com ele, a qual acarretaria na produção de um vídeo documentário. Definimos então que os nossos encontros se dariam às quartas e quintas-feiras, no turno da tarde, e que estes seriam gravados. Ao todo foram 20 horas de gravação em áudio. É importante salientar, que em alguns dos nossos encontros, eu optei por não levar meu gravador para que Zé Alves ficasse mais à vontade. E assim seguimos até Outubro/2006.

A pesquisa com José Alves foi enriquecedora. Cada novo encontro era sinônimo de novas descobertas; eu passei a mergulhar no profundamente no universo dele, a ponto de voltar para casa e sentir a presença dele ao meu lado. Foi muito forte dentro de mim todo esse processo de construção do trabalho. Fiquei totalmente impregnada da Cultura Popular que ele me apresentava. E é impressionante o amor de José Alves pela Cultura Nordestina, e como ele acaba contaminando a todos ao redor. Ele costuma dizer sempre que a literatura popular nós temos na alma, “nós não aprendemos isso com ninguém, não, nós temos hegemonia nisso, isso é nosso!”.



Em Novembro/2006, comecei, efetivamente, a construir um roteiro de filmagens, inclusive elaborando as perguntas que seriam feitas. Depois disto definido, combinei com José Alves as datas de filmagem, dia 22 e 23 de dezembro. Liguei para a equipe e comuniquei a data; reservei a câmera na Universidade e comprei 12 fitas mini-DVs. Tudo pronto para começarmos a filmar.

Produção

Esta etapa foi realizada durante o período de 22 de dezembro a 20 de fevereiro/2007. Com as condições necessárias para a captação das imagens: roteiro de filmagens, equipamentos e recursos humanos, iniciei as gravações.

Na sexta-feira (22), começamos a filmar apenas no turno da tarde, já que a equipe ainda estava a caminho de Campina Grande. Nesse primeiro dia, fizemos todas as imagens no escritório de José Alves, local de trabalho do poeta.

No sábado (23), chegamos antes das 07h da manhã a casa dele, já que o nosso destino era a feira do Mercado Central de Campina Grande, e que segundo o poeta, “feira só presta se for cedo”. Zé Alves frequenta a Feira Central de Campina Grande, religiosamente, toda semana, desde os tempos de cantador. Lá fizemos muitas imagens do poeta, comprando futas, verduras, queijos e interagindo com os feirantes. Já perto de irmos embora, tivemos uma grande surpresa! Encontramos um cantador com uma viola no meio da feira. Era Generino, segundo José Alves, “um dos maiores repentistas do Brasil”. Aproveitamos a oportunidade e filmamos os dois juntos e um improviso de Generino para “Zé Alves”.

Voltamos para casa do poeta, lá continuamos as filmagens. Nesse momento, ele já estava bem a vontade com a câmera. Por volta das 12h fomos almoçar e retornamos às 14h para darmos continuidade aos trabalhos. Filmamos também o depoimento de D. Lourdes, sua esposa. Ao todo, foram oito horas de gravação, em formato digital (Mini-DV) durante esses dois dias de filmagem.

Depois disto, agendei com os outros entrevistados: Bráulio Tavares, Oliveira de Pannels, Apolônio Cardoso, Edson Pereira e Seu Jaime. Todos falaram de José Alves em diferentes fases da sua vida. Somando, temos 14 horas de material bruto.

Pós-produção



Desde o princípio, ainda na elaboração do projeto, decidi que participaria de todas as etapas de realização deste trabalho, pois queria conhecer de forma mais direta todo o processo de produção de um vídeo documentário. E para que a minha participação fosse realmente efetiva durante o processo de pós-produção, precisei montar uma ilha de edição em minha casa.

E foi justamente o que eu fiz, montei uma ilha na minha sala, e uma produtora na minha cabeça: “QuartoCrescente”. E em fevereiro/2007, iniciei a decupagem das fitas. Em março/2007 eu e Jonathas Falcão, montador e editor do vídeo, começamos o processo de edição. Como ele é meu esposo e moramos juntos, todo o tempo em que estávamos em casa, estávamos pensando na construção do documentário. Estávamos sempre atentos a fidelidade do universo do poeta, ao mesmo tempo em que estávamos preocupados com dinâmica da narrativa.

O roteiro de edição muitas vezes precisou ser alterado, porque o processo de criação dentro da pós-produção extravasava os limites do que eu havia pensado anteriormente. O programas de computador utilizados para realizar a decupagem e edição do material bruto foram: para o tratamento das fotos, o Adobe Photoshop (versão 7.0.1), para a edição das imagens e a animação de abertura, utilizamos o Adobe Premiere Pro, e por fim, para o tratamento das cores, o Adobe After Effects (versão 6.5).

No final do mês de março, conseguimos concluir a montagem do vídeo, com 34 min de duração, apresentei ao meu orientador, e foi quando ele sugeriu algumas modificação, dentre elas: redução do tempo. Aí inicia-se um novo processo dentro do mesmo processo de pós-produção. O objetivo era que o vídeo chegasse a 21 minutos. E como isso foi doloroso! Considero que esse processo de ajustes tenha sido mais difícil do que qualquer outro que construir durante a realização do vídeo. Mas enfim, depois de muitas noites em claro, conseguimos atender a todas as orientações de Marcos Nicolau, e o vídeo foi finalizado com 21 minutos e quatro segundos, incluindo os créditos.

Conclusão

A experiência de realização deste trabalho foi uma experiência que trouxe descobertas, tanto no que diz respeito ao contato prático com a linguagem audiovisual, como também, e principalmente, a vivência com o poeta José Alves Sobrinho.



A questão da produção audiovisual de fato, já era algo bastante familiar, mas o manuseio com câmera, som direto, programa de edição e montagem foram grandes descobertas. Superei muitas das minhas limitações técnicas. E a experiência prática com os equipamentos e programas de computador, fizeram-me descobrir novas possibilidades de uso da linguagem audiovisual.

Quanto a convivência com o poeta, do início da pesquisa, até a elaboração do presente relatório, passaram-se nove meses de contatos freqüentes. Durante todo esse tempo, aprendi muitas coisas com Zé Alves, e a principal delas, sem dúvida, foi a necessidade de se estudar a Cultura Popular. Percebo que o universo da cantoria, do folheto de cordel, do repente, da métrica, da rima, do improviso, hoje estão vivos dentro de mim, graças a José Alves. O amor que ele tem a Cultura do Povo é contagiante.

Contagiada estou, e sei que tenho muito o que buscar dentro desse Campo de estudos, portanto concluo com a certeza de que o meu primeiro passo foi dado.

Referências

ALMEIDA, Átila Augusto F. de & SOBRINHO, José Alves. **Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. Campina Grande: Editora Universitária, 1978.

ALMEIDA, Átila Augusto F. de & SOBRINHO, José Alves. **Marcos e vantagens**. Campina Grande: Grafset, 1981.

HLEBAROVA, Vania Perazzo Barbosa. **Vídeo: noções básicas para iniciantes**. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.

RAMOS, Francisco Elinaldo. **Documentário no Brasil - tradição e transformação**. Ed. Summus, 2004.

SANTOS, Rudi. **Manual de vídeo**. Rio De Janeiro: UFRJ, 1995.

SOBRINHO, José Alves. **Sabedoria de caboco**. Campina Grande: Gráfica Baiana, 1975.

SOBRINHO, José Alves. **Glossário da poesia popular**. Campina Grande: Editel, 1982.

SOBRINHO, José Alves. **Matulão de um andarilho**. Campina Grande: Gráfica União, 1994.

SOBRINHO, José Alves. **Cantadores, repentistas e poetas populares**. Campina Grande: Editora Bagagem, 2003.

Folhetos De Cordel

SOBRINHO, José Alves. **Estória de João Luís e Luís João**. Campina Grande: Gráfica Martins, 2006.



SOBRINHO, José Alves. **Nysia Floresta, sua Vida Intensa e Gloriosa**. Campina Grande: Gráfica Martins, 2006.

SOBRINHO, José Alves. **Peja de Inácio da Catingueira com Romano do Teixeira no Céu**. Campina Grande: Gráfica Martins, 2006.

SOBRINHO, José Alves. **O Padre Ibiapina, O Apóstolo do Nordeste**. Campina Grande: Gráfica Martins, 2007.

Sites Consultados

http://www.ablc.com.br/historia/hist_ablc.htm

http://carosamigos.terra.com.br/da_revista/edicoes/ed101/nicodemus.asp

<http://www.cnfcp.com.br/>

<http://www.sibilina.com/tipos/index.php?option=content&task=view&id=41>